



DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO: DUAS LEITURAS DO CONTO DE FADAS

Rosângela Neres Araújo da Silva

Universidade Estadual da Paraíba, rosei2@yahoo.com

Este trabalho tem como objetivo apresentar duas leituras do conto de fadas “A Gata Borracheira”, em sua versão clássica e na releitura contemporânea “Um par de tênis novinho em folha”, de Pedro Bandeira, realizadas em duas turmas da disciplina Literatura Infantil e Juvenil, no curso de Letras, observando os modos pelos quais o gênero literário infantil, apesar das mudanças formais e deslocamentos temporais, não perde sua relevância literária. As atividades realizadas com a adaptação e releitura dos contos de fadas justificam-se na conscientização do aluno em formação de que a configuração do conto de fadas na contemporaneidade obedece critérios distintos do texto clássico, mas mantém as intersecções necessárias exigidas por essa literatura e o seu leitor. Desse modo, partindo do contexto da Literatura Infantojuvenil, do percurso histórico do conto de fadas e sua abordagem para a sala de aula, embasamos nossas discussões nas pesquisas de Coelho (2000), Cunha (2003), Zilberman (2003), Cademartori (2006), Hunter (2010), dentre outros estudiosos. Os resultados das atividades de leitura apontam para um diálogo de renovação estética do gênero literário mediante a contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura Infantil e juvenil, Conto de fadas, Releitura e adaptação.

1 INTRODUÇÃO

A criação literária, tal qual a vida humana, oscila em decorrência das épocas, contextos e ideologias vigentes, influenciando as produções e também as recepções, de acordo com as mudanças ocorridas no meio social, político e intelectual. Nesse sentido, Coelho (2000, p. 28) afirma que:

Fenômeno visceralmente humano, a criação literária será sempre tão complexa, fascinante, misteriosa e essencial, quanto a própria condição humana. Em nossa época de transformações estruturais, a noção de literatura que vem predominando entre os estudiosos das várias áreas de conhecimento é a de identificá-la como um dinâmico processo de produção/recepção que, conscientemente ou não, se converte em favor de intervenção sociológica, ética ou política.

Vemos, assim, que a Literatura está estreitamente relacionada ao processo sociocultural atuante no resultado e na função do produto literário. Nesse contexto, encontramos a Literatura Infantojuvenil que, segundo Coelho (2000, p. 29), tem como função primeira “enriquecer as experiências vividas pelo público infantil e juvenil, através do reflexo de sua participação como ser social.”



Em nossas escolas, o papel dessa literatura tem sido interessante e, por vezes, controverso. O modo como é apresentada ao leitor, muitas vezes, não dialoga com sua função primeira, pois ainda está relacionada à ideia de que é um gênero menor, por estar envolvido com a distração e o entretenimento das crianças. Na disciplina de Literatura Infantil e Juvenil, no Curso de Letras, essa ideia perdura e seu maior problema é que o curso forma uma parcela significativa dos professores das escolas. Se considerarmos que boa parte desses futuros professores utilizará os textos da Literatura Infantojuvenil, seja através dos livros didáticos ou nos projetos paradidáticos, acreditamos que temos um problema e que essa ideia precisa ser discutida e alterada.

E, nesse contexto, o conto de fadas é um dos gêneros para a infância que mais perpassa a polêmica. Se, por um lado, é ainda tratado como um gênero para o entretenimento e de caráter “facilitador”, por suas características sobretudo estruturais, por outro, é muito bem aceito socialmente, encontrado nas práticas sociais de linguagem e valorizado no âmbito das produções livrescas (ROJO, 2012, p. 17-19).

Conforme as transformações sociais e ideológicas da sociedade, o conto de fadas está condicionado às mudanças formais, mas resiste ao tempo sem perder o caráter estético e literário, permanecendo como objeto de predileção das crianças e jovens (HUNT, 2010, p. 43). Atualmente, o conto clássico e sua releitura caminham juntos, nos contextos socioculturais e escolares, e são ressignificados conforme os mais variados níveis de leituras: o clássico permanece com sua identidade e características de produção; o contemporâneo insere novas temáticas e situações, construindo enredos baseados na atualidade.

É, então, considerando esses níveis de leitura, que nossa investigação tem por objetivo observar o diálogo existente entre o conto de fadas clássico e sua adaptação na contemporaneidade, apontando consonâncias e dissonâncias formais e temáticas, os elementos de intertextualidade, os níveis de adaptação literária, e a permanência do gênero literário, na leitura de “A Gata Borralheira”, na versão dos Irmãos Grimm (1812), e sua releitura contemporânea “Um par de tênis novinho em folha”, de Pedro Bandeira (1993).

As atividades de leitura, elaboradas para duas turmas de estudantes da disciplina Literatura Infantil e Juvenil, no Curso de Letras, intencionaram responder a seguinte inquietação: nos deslocamentos narrativos, sejam eles formais ou contextuais, as releituras e adaptações dos contos de fadas mostram-se relevantes à infância?

Para tanto, partimos do contexto da Literatura Infantojuvenil, do percurso histórico do conto



de fadas e sua abordagem para a sala de aula, e da configuração do texto clássico e contemporâneo, considerando os pressupostos de Coelho (2000), Cunha (2003), Zilberman (2003), Cademartori (2006), Hunter (2010), Coutinho e Carvalhal (2011), Carvalho (2014), dentre outros estudiosos.

2 O CONTO DE FADAS REVISITADO

A crítica especializada em Literatura Infantojuvenil observa, nos contos de fadas, a natureza espiritual e existencial do ser humano. De acordo com a tradição, as pessoas imaginam as fadas como seres virtuosos, bondosos e que auxiliam as pessoas, no processo de realização interior. Mesmo com o avanço científico e tecnológico das últimas décadas, as fadas despertam, até hoje, o interesse das crianças, pois estas acreditam que os seres mágicos as auxiliam a compreender e a vencer conflitos interiores, através da experiência da palavra.

O conto de fadas é de natureza espiritual/ética/existencial. Originou-se entre os celtas, com heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural, ao mistério do além-vida e visavam a realização interior do ser humano. Daí a presença da fada, cujo nome vem do termo latino “*fatum*”, que significa destino [...] (COELHO, 2000, p. 173).

Nesse sentido, verificamos que, no conto contemporâneo, as fadas dialogam com a tradição clássica, mas assumem novas configurações. Sua personalidade, caracterização e comportamento são parte do deslocamento narrativo exigido pelas atualizações e releituras, bem como suas adaptações.

Os recontos e algumas releituras mantêm a característica narrativa e espacial dos contos clássicos, porém modificam a caracterização dos personagens. As atualizações e adaptações podem, segundo Hunt (2010, p. 52), subverter e/ou modificar todo o contexto narrativo, fazendo permanecer somente a ideia central do conto clássico. De uma forma ou de outra, esses modos de ler os contos de fadas fazem com que a história clássica perdure e que se corporifique sob as condições e características do tempo.

A literatura infantil possui em si gêneros específicos: a narrativa para escola, textos dirigidos a cada um dos sexos, propaganda religiosa e social, fantasia, o conto popular e o conto de fadas, interpretações de mito e lenda, o livro ilustrado (em oposição ao livro com ilustração) e o texto de multimídias. O reconto de mitos e lendas é pouquíssimo lembrado fora do universo da literatura infantil. (HUNT, 2010, p.44)



Observamos que, em “Um par de tênis novinho em folha”, a ideia principal e norteadora do conto clássico é mantida e novos elementos são acrescentados, promovendo uma intertextualidade com a versão clássica dos Irmãos Grimm. Isso faz com que o “novo texto” vá além do reconto, uma vez que outros elementos narrativos foram incorporados.

O conceito de Kristeva (1974, p.64) de que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade”, leva-nos a perceber o conto de fadas moderno como um exemplo desse mosaico de transformações, sobretudo, em nível formal e contextual. Não somente o tempo da narrativa, como a linguagem e o espaço são outros e moldados aos ambientes da produção literária infantojuvenil da atualidade. Essa concepção de intertextualidade busca uma multiplicidade de vozes no interior dos textos, para a qual a adaptação é necessária.

Estudos recentes relacionados às múltiplas vozes e intertextos, e que têm as diversas interpretações do leitor como ponto fundamental, apontam a adaptação literária como o termo mais adequado às pesquisas em relação ao ambiente de construção de textos para a Literatura Infantojuvenil da contemporaneidade. Segundo Carvalho (2014, p. 48-49), é necessário atentar para o fato de que os textos considerados como a gênese da Literatura Infantil já resultam de um “processo de adaptação da tradição oral para a escrita, em que os contos folclóricos são as fontes para a produção das primeiras narrativas para criança.”

Dessa forma, Carvalho (2014, p. 51) aponta, nas adaptações contemporâneas, a possibilidade de “temas sociais ou psicológicos, abrangendo a realidade humana como um todo”. Permite-se que a ficção focalize a condição textual da obra infantojuvenil, levando o leitor à compreensão e reflexão crítica da sociedade.

A presença de um caráter universal artístico é o que possibilita à narrativa literária infantojuvenil sua literariedade, na acepção do formalismo russo, a qual resulta da capacidade da obra em romper com as modalidades pragmáticas de discurso e com as concepções de mundo de um determinado período, levando o leitor a deixar sua zona de conforto e vislumbrar novos horizontes estéticos e culturais. (CARVALHO, 2014, p. 51)

Hunt (2010, p. 280) discute que a narrativa infantojuvenil moderna encontrou uma forma de aliar o que se reconhece como a fase do mito, na qual a predominância da fantasia e seus elementos característicos são usuais, ao conjunto de questionamentos e ressonâncias sociais impostos pelas novas culturas, sejam elas midiáticas, digitais ou adaptadas a plataformas livrescas lúdicas e metaficcionalis, como é o caso do livro-objeto ou dos *pop-ups*, que rompem os limites da página e



podem ser continuamente (des)construídos.

3 O CONTO DE FADAS NA AULA DE LITERATURA INFANTOJUVENIL

As duas leituras de “A Gata Borracheira”, propostas nas atividades da disciplina Literatura Infantil e Juvenil, nas turmas do quinto e sétimo período, respectivamente, durante o primeiro semestre letivo de 2015, no Curso de Letras, objetivaram um olhar sobre a adaptação literária de textos clássicos. Sobretudo, buscaram caracterizar a permanência do conto de fadas na contemporaneidade e os modos de ler a chamada “literatura de fantasia” (CUNHA, 2003, p. 99-100).

É importante salientar que a própria distância entre o momento em que os estudantes se encontram com a disciplina já provoca deslocamentos interpretativos interessantes. Essa distância ocorre porque o tempo de conclusão do curso para os turnos vespertino e noturno são diferentes. Assim, vimos que os estudantes do quinto período de Letras estão mais abertos à inclusão de recontos e releituras nas aulas, bem antes do acesso às adaptações. É do interesse deles a experiência com o maior número possível de textos, por acreditarem que isso auxilia na interpretação.

Os estudantes do sétimo período, por sua vez, preferem seguir diretamente para as adaptações. Além disso, aceitam pouco as atividades mais específicas em relação ao conto clássico. Neles, também encontramos uma maior resistência ao programa da disciplina e às leituras orientadas. Entretanto, são muito habilidosos com as leituras teóricas, levantando questionamentos de caráter mais pedagógico, tais como: (1) que textos selecionar para seus alunos, a fim de levantar discussões críticas e conscientizadoras; (2) que metodologia utilizar para além dos livros paradidáticos de histórias condensadas dos quais dispõem as escolas.

Salvo suas especificidades, o nível de interpretação dado aos textos, nas atividades com o conto clássico e contemporâneo, foi muito próximo. Em primeira instância, todos observaram a relevância de ambos os contos, no que diz respeito à composição formal e contextual, e a manutenção temática entre as obras. Também acrescentaram a necessidade de construção de um “novo texto”, na contemporaneidade, com características de releitura ou adaptação do texto clássico, em virtude das mudanças socioculturais que ocorrem ao longo do tempo. Alegaram que isso é importante, porque a criança e o jovem de hoje são diferentes e precisam de textos que reflitam essas diferenças. Foram abordados, principalmente, os limites de intersecção entre as obras,



uma vez que o conto moderno desloca não somente o tempo da narrativa, mas o espaço, os personagens e sua caracterização, a linguagem e parte da ação para a atualidade.

Na versão dos Irmãos Grimm, já encontramos o conto de fadas deslocado da versão que usualmente conhecemos, em nossas primeiras leituras. O texto acessado na primeira infância e que a maioria dos alunos conhece é o de Charles Perrault, publicado em 1697, e baseado em um conto popular italiano intitulado “A Gata Borralheira”. A maioria das adaptações, segundo Hunt (2010, p. 74), sejam livrescas ou midiáticas, tomam como ponto de partida a versão de Perrault, primeiramente pela permanência dos elementos que caracterizam o conto de fadas tradicional, como a linearidade narrativa, a presença da fada madrinha, do final feliz, e depois por motivos pedagógicos.

Assim, quando propomos as atividades, o caráter pedagógico do conto de fadas é imediatamente pensado pelo aluno, que estranha a versão diferente, escrita pelos Irmãos Grimm. O imaginário infantil tende a armazenar as histórias da infância e a relacionar, mais tarde, personagens, espaços e contextos, como forma de ressignificar as leituras realizadas ao longo do tempo.

Ambas as turmas até aceitaram, na leitura do conto clássico, a ausência da fada como um processo de releitura e deslocamento da faixa etária, considerando que a versão dos Irmãos Grimm pode representar a passagem da “fase do mito” para a “fase do conhecimento da realidade”, como propõe Cunha (2003, p. 100). Porém, foram unânimes em reconhecer a necessidade do final feliz nessa passagem, como ainda uma regra essencial ao universo da infância. Se considerarmos que, enquanto um texto de arte reconhecidamente literária, “A Gata Borralheira” dos Irmãos Grimm busca na imaginação e na fantasia a conscientização sobre a realidade, a interpretação relacionada ao final feliz, nesse sentido, é muito válida e relevante.

A versão de Pedro Bandeira desloca a ação da narrativa clássica para a periferia de uma cidade urbana. “Um par de tênis novinho em folha”, publicado em 1993, na coletânea “As sete faces do conto de fadas”, narra a história de Caroline, a jovem do subúrbio que precisa trabalhar e enfrentar os problemas do cotidiano, sem deixar de acreditar na possibilidade de uma vida melhor. As turmas foram unânimes em apontar o *continuum* de diálogos e o vocabulário utilizado no conto como categorias que promovem a identificação imediata do leitor com o texto. As referências ao contexto atual, como os programas de televisão e as roupas de grife, foram apontadas, pelos alunos do quinto período, como o principal viés de deslocamento para a contemporaneidade. Já os alunos do sétimo período viram, na presença da “fada madrinha” às avessas, representada pela melhor



amiga da protagonista, a intersecção entre o conto clássico e contemporâneo.

Por fim, as duas leituras evidenciaram o diálogo entre o texto literário considerado clássico, por obedecer sobretudo às condições narrativas do seu tempo de criação, e o texto infantojuvenil contemporâneo, por reconstruir os espaços de expectativas do leitor, apresentando um “novo texto”, com múltiplas vozes, criativo e coerente com a atualidade.

4 CONCLUSÕES

A relevância do diálogo ficcional entre produções literárias perpassa os estudos comparados, nos diversos modelos de intertextualidade e nas adaptações. Esse diálogo, no âmbito da Literatura Infantojuvenil, busca sobretudo compreender de que modo os deslocamentos narrativos formais ou contextuais mantêm a estética da obra e a relação com a infância.

Observamos que “Um par de tênis novinho em folha”, adaptação moderna do conto “A Gata Borracheira”, produz esse diálogo através da intertextualidade, sobretudo temática, pois apresenta aspectos formais e contextuais distintos. Esses aspectos preservam a temática clássica, mas apresentam um modo narrativo diferenciado e próprio, relacionado à infância e ao ambiente da Literatura Infantojuvenil, e de valor estético comprovado. O processo literário e criativo usado para adaptar o texto clássico inclui muitos acréscimos e opera mudanças significativas na estrutura e no contexto da obra, sem que a intersecção com o texto primeiro seja perdida. Além disso, há uma reconstrução temática que mantém ativos e influentes os assuntos de interesse do público infantojuvenil.

Na atualidade, um grande número de autores observa, nas adaptações, o reestabelecimento de significações e a possibilidade de reinterpretar histórias consagradas pela infância, mas que essas mesmas histórias tenham um dado de novidade. Muito mais do que um reconto ou uma releitura, as crianças e jovens esperam que os textos que elas conheceram, na primeira infância, mostrem personagens e situações que estejam relacionados à sua evolução como seres humanos, que cresçam juntamente com elas e/ou com as quais elas se identifiquem.

Além disso, a criação literária das três últimas décadas tem produzido um comportamento de leituras interessante, se considerarmos o acesso que o leitor contemporâneo tem aos livros e a influência da mídia e da internet nesse processo. Muitos desses leitores têm feito o caminho inverso, iniciando suas leituras com os textos mais contemporâneos e, depois, por incentivo ou informação da escola, da sociedade ou das mídias, acessando as versões mais clássicas.



A nossa experiência de leitura com as versões clássica e contemporânea do conto de fadas mostrou que alguns dos elementos apontados por Cunha (2003, p. 97) e, mais intrinsecamente relacionados à literatura infantil na escola, abordados por Zilberman (2003, p. 16), ainda são considerados necessários no reconhecimento do texto literário para a infância. É interessante observar que, mesmo assim, nenhuma das turmas mencionou a escassez das imagens e figuras, no texto dos Irmãos Grimm, e a antecipação do final feliz, no desenho em preto e branco, da adaptação feita por Pedro Bandeira. Os leitores mais adultos ignoram a presença das imagens, que são extremamente relevantes na infância.

Se analisarmos as condições propostas por Cunha (2003) e Zilberman (2003) para a narrativa infantojuvenil, a adaptação moderna apresenta muito mais dessas condições do que a clássica. Por outro lado, vimos que, tematicamente, a adaptação ainda reflete os problemas da vida humana, os medos, os conflitos, e as formas de solucioná-los, como ocorre nos contos clássicos para a infância.

Com isso, concluímos que os textos para o público infantojuvenil se atualizam e viabilizam a discussão e a consciência crítica, em temas que norteiam e particularizam a obra literária da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Pedro. Um par de tênis novinho em folha. KUPSTAS, Márcia (Org.). **Sete Faces do conto de fadas**. São Paulo: Moderna, 1993.

BETTELHEIM; Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CARVALHO, Diógenes Buenos Aires. **A adaptação literária para crianças e jovens**. Teresina: EDUFPI, 2014.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil. Teoria Análise Didática**. 1ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 2003.
- GOÉS, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1991.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos maravilhosos, infantis e domésticos: volume 1 - 1812**. São Paulo, Cosac Naify, 2015.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KRISTEVA, Júlia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11ª ed. São Paulo: Global editora, 2003.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br